

**LÍNGUA INGLESA ATRAVÉS DO TEMPO:
AS INFLUÊNCIAS CONSEQUENTES DAS INVASÕES
ESCANDINAVAS NAS ILHAS BRITÂNICAS¹**

Ana Marielli Borba Martini (UTFPR)
anamarielli@hotmail.com

Isabelle Maria Soares (UNICENTRO)
isa_ms@hotmail.com

RESUMO

A história da língua inglesa está intrinsecamente ligada aos povos que habitaram onde hoje é o território da Inglaterra e às demais culturas com as quais os povos ingleses tiveram contato. Neste artigo, primeiramente, será feita uma breve contextualização da época e do espaço histórico a que esse estudo se destina: a chamada Era Viking na Inglaterra. Através de uma pesquisa bibliográfica que reúne várias teorias e fenômenos relacionados com as influências do *Old Norse* (língua falada pelos povos escandinavos) sobre a língua inglesa, o foco deste trabalho será analisar e refletir sobre a transição do *Old English* para o *Middle English* denotando o impacto causado pelo contato com o *Old Norse*. Contudo, apesar de que as influências escandinavas sobre a cultura e língua inglesa se mostrem claramente presentes, tal episódio histórico é, de certo modo, ofuscado por interferências romanas e francesas que demonstraram maior impacto no que se refere à política a nível continental. Por isso, outro objetivo aqui é o de valorizar e reconhecer a importância da permanência escandinava na Inglaterra no que tange, principalmente, às consequências linguísticas provenientes desse período.

Palavras-chave: Linguística inglesa. História inglesa. Cultura escandinava.

1. Introdução

A língua inglesa tem passado por diversas transformações no decorrer da história até tornar-se a língua que é falada mundialmente hoje, conhecida também pelo termo *Modern English*². Grande parte da história

1 Tradução e adaptação do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado *The Old Norse influences in the transition from the Old English to Middle English and its repercussions on Modern English*, que foi redigido e apresentado em língua inglesa pelas autoras, com orientação do Professor Mestre Leandro Zago, para a obtenção do título de Licenciatura em Letras – Português/Inglês pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) no ano de 2016.

2 Philip Durkin (2014) baseou-se no *Oxford English Dictionary* para definir a periodização da língua inglesa: *Old English* (até 1150 d.C.), *Middle English* (desde 1150 até 1500 d.C.) e *Modern English* (desde 1500 d.C. até os dias atuais).

dessa língua está diretamente ligada aos povos que viveram onde hoje é o território britânico, cuja história inclui a expansão do Império Romano, as invasões escandinavas, o domínio dos Normandos, por exemplo. Para elucidar as suas configurações linguísticas temporais e geográficas e compreender, não somente sobre a história da língua em si, mas também dos povos envolvidos, é indispensável compreender a constituição da língua inglesa desde seus primórdios até sua forma atual. Desse modo, pretende-se fazer uma análise e reflexão linguística sobre a transição do *Old English* ao *Middle English*, especialmente, ao que se refere às influências escandinavas³ nesse processo.

As pesquisas sobre a herança escandinava nas Ilhas Britânicas começaram a partir da segunda metade do século XIX. De acordo com Sandra Dögg Friðriksdóttir (2014), os linguistas que têm estudado a língua inglesa, buscando explorar os traços originários da cultura e língua escandinava, descobriram que grande parte do léxico inglês foi influenciado pela língua falada pelos povos escandinavos, o *Old Norse*. Assim sendo, o principal objetivo deste estudo é identificar os aspectos mais significativos que foram influenciados pelo *Old Norse* que podem ser encontrados no Inglês falado hoje e também articular um pouco sobre como o processo da relação entre as línguas ocorreu. Os empréstimos escandinavos são identificados na morfologia, fonologia e fonética, sintaxe e semântica do *Modern English*. Além disso, algumas características da cultura e do folclore escandinavo podem ser encontradas em países falantes de língua inglesa, especialmente no Reino Unido e na Irlanda.

Assim sendo, através da pesquisa e leitura de um amplo material bibliográfico sobre a história e estrutura da língua inglesa, especialmente ao que se refere às influências linguísticas e culturais do contexto escandinavo, serão feitas relações com o objetivo de compreender diferentes concepções sobre a história da língua inglesa. Este trabalho baseou-se principalmente nos materiais escritos pelos linguistas Joseph Embley Emonds, Jan Terje Faarlund, Albert C. Baugh, Thomas Cable, Otto Jespersen e Philip Durkin, além de outros pesquisadores, como Sandra Dögg Friðriksdóttir, que comentam sobre as teorias dos estudiosos citados. Na bibliografia utilizada, há estudos que fazem uma análise lingüís-

3 O território escandinavo, como é conhecido hoje, é formado pela Dinamarca, Suécia, Noruega, Islândia e Finlândia. No contexto deste trabalho, o território dinamarquês e norueguês serão mais representativos.

tica de textos escritos no período do *Middle English*. Outros focam nos empréstimos que representam a evolução linguística do *Old Norse* para o *Middle English* e, por fim, para o *Modern English*.

2. *Contextualização histórica: anglo-saxões e escandinavos*

O território britânico foi por muito tempo colônia do Império Romano, aproximadamente entre os anos 43 a 449 d.C. Antes das invasões romanas, as terras britânicas eram povoadas por muitas tribos celtas. A chegada dos romanos transformou o modo de vida celta através da imposição de sua língua, suas crenças e costumes, aproximando os povos, e, ao mesmo tempo, acentuando as diferenças entre eles. De acordo com Borges:

As ilhas britânicas eram a colônia mais distante de Roma, a mais setentrional, e tinham sido conquistadas até a Caledônia, atual território escocês, onde viviam os pictos, povo de origem celta separado do resto da Bretanha pela muralha de Adriano. Ao sul, habitavam os celtas convertidos ao cristianismo e os romanos. Nas cidades, a gente culta falava latim; as classes baixas falavam diversos dialetos gaélicos. (BORGES, 2003, p. 2)

No século V, as legiões romanas foram forçadas a abandonar o território britânico a pedido de Honório, o primeiro imperador romano do Oeste, que temia a invasão dos visigodos em Roma. Esse fato facilitou a entrada de povos germânicos que se estabeleceram, a princípio, nas regiões costeiras no sul da Grã-Bretanha. O termo “anglo-saxão” refere-se à fusão desses povos (anglos, saxões e jutos) que compartilhavam costumes, crenças e outras características similares. Michael D. C. Drout (2006) comenta sobre o estabelecimento destes povos no território britânico:

[...] os anglos se colocaram no norte da Inglaterra, os saxões ao sul e os jutos em Kent, no leste. Todas as tribos falavam o *Old English*, mas em diferentes dialetos. Por muitos séculos, o *Old English* (também chamado de *Anglo-Saxon*) foi a língua da Inglaterra. Influenciado pelo Latim, adotando particularmente palavras relacionadas com a Igreja, e pelo Celta (mesmo que muito pouco), era essencialmente uma língua Germânica do Leste. (DROUT, 2006, p. 61) (tradução nossa)⁴

4 [t]he Angles settled the north of England, the Saxons settled the south, and the Jutes settled in Kent, to the east. Each of the three tribes spoke *Old English*, but of a different dialect. For several centuries, *Old English* (also called Anglo-Saxon) was the language of England. It was influenced by Latin, particularly in the adoption of words having to do with the Church, and by Celtic (surprisingly lit-

As tribos que conquistaram a antiga Inglaterra formaram sete reinos: Nortúmbria, Mércia, Ânglia Oriental, Essex, Kent, Sussex e Wessex⁵. Havia quatro dialetos principais: *West Saxon*, *Kentish*, *Mercian* e *Northumbrian*. Mesmo havendo muitas diferenças linguísticas entre eles, todos os dialetos eram compreensíveis entre si (TRIPS, 2002). Importa mencionar ainda que houve outro período de influência romana, o período de cristianização antes da chegada dos escandinavos. Durante esse tempo, monges latinos trabalharam para converter os povos que viviam na Inglaterra, trazendo influências romanas sobre a cultura e a língua novamente.

Já os escandinavos viviam em uma terra distante no extremo Norte da Europa e sua presença em outros territórios era, em grande parte, nada amigável, pois muitos deles praticavam a pirataria. Um relato bastante conhecido sobre os povos escandinavos, que é razoavelmente imparcial, foi escrito por Ibn Fadlan, o emissário do califa de Bagdá, em 921 d.C., no atual território russo. Ele reportou ao califa, além de outros assuntos, sobre a primeira vez que ele encontrou pessoas nórdicas na costa do rio Volga:

[...] Eu nunca vi compleição física mais perfeita que a deles – eles são como palmeiras, são claros e avermelhados, [...]. O homem veste uma capa que cobre metade de seu corpo, deixando um de seus braços descoberto. Cada um deles carrega um machado, uma espada e um punhal [...]. Cada mulher tem, em seu peito, um pequeno disco, atado <em volta de seu pescoço>, feito de ferro, prata, cobre ou ouro, dependente do valor da relação financeira e social de seu marido. [...] Eles são os mais sujos de todas as criaturas de Alá: eles não se limpam depois de evacuar e urinar nem se lavam quando estão em estado de ritual impuro (i.e., depois do coito) e nem <mesmo> lavam suas mãos depois de se alimentarem. Em cada lar moram 10 a 20 pessoas, às vezes mais, às vezes menos. Cada um deles tem um leito aonde sentam. Eles são acompanhados por escravas bonitas para negociação. Um homem terá relações sexuais com sua escrava enquanto seu companheiro observa. [...] Eles são adeptos ao álcool, bebem dia e noite. Às vezes um deles morre com o copo ainda em sua mão. (MONTGOMERY, 2000, p. 5-14) (tradução nossa)⁶

tle, however), but it was essentially a West Germanic language. (DROUT, 2006, p. 61)

5 Northumbria, Mercia, East Anglia, Essex, Kent, Sussex and Wessex

6 [...] I have never seen more perfect physiques than theirs—they are like palm trees, are fair and reddish, [...]. The man wears a cloak with which he covers one half of his body, leaving one of his arms uncovered. Every one of them carries an axe, a sword and a dagger [...]. Each woman has, on her breast, a small disc, tied <around her neck>, made of either iron, silver, copper or gold, in relation to her husband's financial and social worth. [...] They are the filthiest of all Allçah's creatures: they do

Apesar de Ibn Fadlan ter demonstrado estar bastante impressionado por suas características fisiológicas, suas vestimentas, armas e outros acessórios, ele criticou seus comportamentos na mesa e na cama, por exemplo, os rotulando como sujos, dependentes alcoólicos e impudicos. Tal relato é notável porque descreve elementos comuns da vida escandinava, mesmo que a partir da visão do “outro”.

Os escandinavos eram também conhecidos por sua maestria na tecnologia naval, por seus barcos longos que podiam navegar tanto em rios quanto em mar aberto e que possibilitavam suas relações comerciais em vários territórios da Europa, Ásia (especialmente no Oriente Médio) e América. Eles atacaram não somente a Grã-Bretanha, mas também os territórios litorâneos da Alemanha e Países Baixos. Na França, eles navegaram pelo rio Sena levando terror às zonas ruais e colocando fogo em Paris (ALLAN, 1987). De acordo com Albert C. Baugh e Thomas Cable (2002), estes eram princípios para capturar novos territórios:

Suas atividades começaram com saques e terminaram com conquistas. Os suecos estabeleceram um reinado na Rússia; os noruegueses colonizaram partes das Ilhas Britânicas, as Ilhas Faroé, e a Islândia, da onde saíram para a Groelândia e para as costas de Terra Nova e Labrador; os daneses formaram um ducado na Normandia e finalmente conquistaram a Inglaterra. (BAUGH; CABLE, 2002, p. 83) (tradução nossa)⁷

Embora eles vivessem em uma das regiões mais frias da Europa, os escandinavos superaram a isolamento geográfica através da sua excelência e engenho nas construções de navios e outros conhecimentos navais que os permitiram chegar em novas terras. A herança mais significativa deixada pelos daneses que se estabeleceram no território inglês, contudo, foram as influências que eles causaram sobre a língua inglesa (FRIDRIKSDÓTTIR, 2014). Mais especificamente, a considerável praticidade dessa língua, percebida através do léxico que contém palavras com

not clean themselves after excreting or urinating or wash themselves when in a state of ritual impurity (*i.e.*, after coitus) and do not <even> wash their hands after food. [...] They gather in the one house in their tens and twenties, sometimes more, sometimes less. Each of them has a couch on which he sits. They are accompanied by beautiful slave girls for trading. One man will have intercourse with his slave-girl while his companion looks on. [...]. They are addicted to alcohol, which they drink night and day. Sometimes one of them dies with the cup still in his hand. [...] (MONTGOMERY, 2000, p. 5-14)

7 Their activities began in plunder and ended in conquest. The Swedes established a kingdom in Russia; Norwegians colonized parts of the British Isles, the Feroes, and Iceland, and from there pushed on to Greenland and the coasts of Labrador and Newfoundland; the Danes founded the dukedom of Normandy and finally conquered England. (BAUGH; CABLE, 2002 p. 83)

morfologia simples e pronúncia fácil, bem como outros aspectos, como a transição do objeto-verbo para o verbo-objeto.

O primeiro contato violento entre anglo-saxões e *vikings*⁸ aconteceu em uma manhã de primavera em 793 d.C. Um grupo de escandinavos chegou na ilha de Lindisfarne, localizada a nordeste da Inglaterra, e atacaram o monastério local. Não apenas saquearam seus pertences, como também mataram muitos monges e capturaram outros, tornando-os escravos. Outros ataques sucederam, não apenas no território britânico, já que a Era *Viking* estava apenas começando e os guerreiros nórdicos tornariam-se a força mais temida de toda a antiga Europa (ALLAN, 1987). Entre 866 e 867 d.C., o exército dinamarquês capturou York e tomou o poder da Nortúmbria, um reino localizado no norte da Inglaterra. Em 869, o rei Edmund da Ânglia Oriental foi morto. O rei da Mércia, Burgred, exilou-se em Roma em 873. O único reino que prevaleceu forte foi Wessex. O Rei Alfred, de Wessex, não pôde derrotar e banir os dinamarqueses, contudo, conseguiu manter a paz – mesmo que por pouco tempo – assinando um acordo com o rei Guthrum, da Dinamarca, que ficou conhecido pelo Tratado de Wedmore e que delimitou as fronteiras entre Wessex e a Danelaw⁹.

De acordo com Joseph Emsley Emonds e Jan Terje Faarlund, “a situação por aproximadamente 200 anos foi a de que a Inglaterra consistia em dois países com a fronteira significativamente instável” (2014, p. 35) (tradução nossa)¹⁰. Muitos dinamarqueses e noruegueses estabeleceram-seno território da Danelaw, e, por isso, essa região da Inglaterra tem muitos nomes de lugares de origem escandinava, que são usados até hoje.

As tentativas de impedir as invasões não cessaram até 1014, quando o rei Aethelred exilou-se e Cnut tornou-se rei da Inglaterra, Dinamarca e Noruega. Tal conquista é considerada o auge das invasões nórdicas (KU, 2009) porque o objetivo de conquistar um novo território foi finalmente alcançado. O fim da Era *Viking* é marcado pela derrota nórdica na Batalha de Stamford Bridge e a morte do rei Haroldo Hardrada, da Noruega, em 1066 (ROESDAHL, 1998 *apud* KU, 2009). O domí-

8 Aqueles que praticavam invasões e saques eram considerados Vikings. Não deve haver confusão com Escandinavos, termo que se refere a todos os povos originários da região europeia conhecida por Escandinávia.

9 A *Danelaw* foi o território estabelecido pelos dinamarqueses no século IX onde presidia as leis destes povos escandinavos sobre a dos anglo-saxões.

nio nórdico terminou da mesma forma que começou, em outras palavras, em guerra. Quando seu rei foi morto, os escandinavos sentiram-se forçados a se render, trazendo assim o fim de uma era. Depois de muitos anos em conflito, a Inglaterra tornou-se Inglaterra novamente, não havendo mais tentativas por parte dos guerreiros nórdicos de tomar o poder de volta.

3. As línguas germânicas

Os anglo-saxões e os escandinavos mantinham relações culturais significativas, pois ambos possuíam uma mesma descendência, advinda de tribos germânicas. Consequentemente, o *Old English*, a língua dos anglo-saxões, e o *Old Norse*¹⁰, a língua falada pelas tribos escandinavas, também compartilhavam conexões lexicais e gramaticais que facilitavam a comunicação entre seus falantes. Michael D. C. Drout (2006) explica essa relação:

[...] a língua dos Vikings era uma língua norte-germânica e possivelmente era compreendida pelas pessoas que falavam um dialeto anglicizado do Old English – uma língua ocidental. Muitos ingleses que viviam na Danelaw eram falantes anglos. (DROUT, 2006, p. 77) (tradução nossa)¹¹

Entretanto, algumas línguas germânicas partilham características mais acentuadas, fazendo com que a família das línguas germânicas se divida em grupos, são eles: Germânico Ocidental, Norte-Germânico e Germânico Oriental. Enquanto o *Old English* é considerado essencialmente uma língua Germânica Ocidental (*West Germanic*), o *Old Norse* é de origem Norte-Germânica (*North Germanic*). O Germânico Ocidental ainda possui duas ramificações: Alto Alemão (*High West Germanic*), que evoluiu para Alemão Moderno (*Modern German*), e o Baixo Alemão (*Low West Germanic*), que gerou muitas outras línguas, inclusive o Neer-

10 Other Germanic speakers settled in the very north of Europe, in Denmark and Scandinavia. Their language was *Old Norse*, but this language also began to change and diversify, splitting into East Norse and West Norse. East Norse eventually evolved into Swedish and Danish, and West Norse became Norwegian and Icelandic. Old Icelandic is particularly important because so many of our most important medieval texts are preserved in this language. DROUT, M. D. C. *A History of the English Language*. Course Guide. Recorded Books, LCC, 2006.

11 [...] the language of the Vikings was a North Germanic language and possibly was understandable to the people who spoke the Anglian dialect of *Old English*—a West Germanic language. Most of the English in the Danelaw were Anglian speakers. (DROUT, 2006, p. 77)

landês Moderno. Acredita-se que o *Old English* evoluiu para o *Middle English* e finalmente para o *Modern English*. Sobre a origem do *Modern English*, Joseph Embley Emonds e Jan Terje Faarlund complementam:

O *Modern English* é inquestionavelmente de origem germânica por causa de sua história fonológica, seu vocabulário básico e o Sistema morfosintático. Mas nada do que foi dito implica que foi originado da língua dos Anglo-saxões, inclusive, eles não foram os únicos imigrantes falantes de língua germânica que cruzaram o Mar do Norte. Logo, ainda sobre as ramificações do germânico, a questão sobre a descendência genealógica da língua inglesa permanece aberta. (EMONDS; FAARLUND, 2014, p. 22) (tradução nossa)¹²

Os autores admitem que o *Modern English* tem origem germânica. Em contraste, eles questionam sobre as particularidades dessa descendência: o *Modern English* realmente pertence ao ramo *West Germanic*? Eles acreditam que a participação do *Old Norse* no processo de evolução linguística do Inglês não esteve relacionada simplesmente com influências e empréstimos.

4. *Línguas em conflito*

Com as invasões *Vikings* e posteriormente a chegada destes ao poder dos territórios ingleses, muitas famílias escandinavas estabeleceram-se no território da *Danelaw*, onde a cultura nórdica era mais representativa. Michael D. C. Drout comenta sobre a importância desses fatores históricos na Inglaterra para o processo de evolução da língua inglesa:

Regiões inteiras da Inglaterra estavam sob o comando *Viking* mesmo depois que o Rei Alfred resistiu aos ataques mais severos – uma área do leste e do norte da Inglaterra pertencia a *Danelaw*. Durante este período, o *Old Norse* influenciou fortemente o *Old English*. Muitas palavras foram “emprestadas”, não somente substantivos e verbos, os quais foram em grande número, mas também aspectos linguísticos tão fundamentais quanto os pronomes e os fundamentos da linguagem, como a pronúncia. (DROUT, 2006, p. 61) (tradução nossa)¹³

12 *Modern English* is unquestionably Germanic by virtue of its phonological history, its core vocabulary, and its morphosyntactic system. But nothing in what has been said implies that it is descended from the language of the Anglo-Saxons, and rightly so, since they were not the only Germanic-speaking immigrants from across the North Sea. Within the Germanic sub-family, the question of the genealogical descent of English remains open. (EMONDS; FAARLUND, 2014, p. 22)

13 Whole sections of England were under Viking rule even after King Alfred withstood the harshest Viking attacks — an area of the east and north of England was the Danelaw. During this time *Old Norse* strongly influenced *Old English*. Many, many words were borrowed, not only nouns and verbs,

O contato entre os falantes do *Old Norse* e do *Old English* causou, em um primeiro momento, empréstimos linguísticos de ambas as partes, já que cada uma das línguas possuía elementos diferentes. Além disso, a comunicação oral foi muito significativa para essas trocas linguísticas, contribuindo para a formação da língua inglesa. De acordo com María Ángeles Ruiz Moneva (1997):

Esses pressupostos talvez possam ser aplicados à situação linguística entre os anglo-saxões e os escandinavos, no sentido de que a língua oral tende a refletir as mudanças linguísticas, pois é produzida de forma muito mais espontânea, o que causa a minimização dos esforços no processamento. Pode-se dizer que, na forma oral, o eixo inferencial de comunicação predomina no eixo do código. Pelo contrário, quando se trata de escrever, os esforços de processamento geralmente são aumentados, porque a expressão tende a ser mais precisa. (MONEVA, 1997, p. 186) (tradução nossa)¹⁴

Os falantes nórdicos precisavam adquirir vocabulário nas áreas tipicamente anglo-saxãs, especialmente pelo fato de que as Ilhas Britânicas estiveram sob domínio do Império Romano no processo de cristianização, incluindo, então, palavras consequentes disso, referentes, por exemplo, à “construção de estradas, estrutura das cidades, canalização de água e construções de casas” (EMONDS; FAARLUND, 2014, p. 40) (tradução nossa)¹⁵. Até mesmo palavras relacionadas com as colheitas e a comida, por causa da melhor adaptação ao clima das novas terras, foram adotadas. Além disso, “a antiga Inglaterra tinha uma cultura escrita, e presumivelmente um uso mais amplo de documentação e outras práticas escritas (herança, propriedade, escolas) do que na Escandinávia” (EMONDS; FAARLUND, 2014, p. 40) (tradução nossa)¹⁶. Nesse sentido, a aquisição

which were borrowed in great numbers, but also such fundamental building blocks as pronouns and such language basics as pronunciation. (DROUT, 2006, p. 61)

14 These assumptions maybe can be applied to the linguistic situation between the Anglo-Saxons and the Scandinavians in the sense that the oral language tends to reflect the linguistic changes because it is produced in a much more spontaneous way, and this causes the minimisation of the processing efforts. It may be said that in the oral form, the inferential axis of communication predominates the code axis. On the contrary, when it comes to writing, the processing efforts are usually increased, because the expression tends to be more accurate. (MONEVA, 1997, p. 186)

15 “road-building, town layouts, channeling water, and building construction”. (EMONDS; FAARLUND, 2014, p. 40)

16 “Old England had a written culture, and presumably a wider use of documents and practices based on them (inheritance, property, schools) than did Scandinavia”. (EMONDS; FAARLUND, 2014, p. 40)

desse novo vocabulário formou o *Anglicized Norse*, uma língua nórdica anglicizada.

Joseph Embley Emonds e Jan Terje Faarlund (2014) sugerem que a fusão das línguas faladas no território britânico ocorreu apenas por aproximadamente 1300 d.C., muito depois das invasões normandas, formando o chamado *Middle English*. Contudo, há controvérsias entre os pesquisadores e linguistas sobre o processo de desenvolvimento do *Middle English*:

- a. *Middle English* se desenvolveu a partir do *Old English* (a hipótese comumente mais aceita). *Old English* sofreu muitas mudanças gramaticais fundamentais, incorporando muito do vocabulário do *Old Norse* (durante dois séculos), e tornando-se o *Middle English*.
- b. *Middle English* se desenvolveu a partir do *Old Norse* [...]. *Old Norse* não sofreu mudanças gramaticais significativas [...], incorporou algum vocabulário do *Old English* (por quatro séculos), e tornou-se o *Middle English*. (EMONDS; FAARLUND, 2014, p. 44) (tradução nossa)¹⁷

Nota-se que a linguística tradicional afirma que o *Middle English* evoluiu a partir do *Old English*, com alguma influência escandinava. Por outro lado, para os pesquisadores Joseph Embley Emonds e Jan Terje Faarlund (2014), o *Old English* praticamente extinguiu-se e o *Norse* originou o *Middle English* recebendo muitas influências do *Old English* durante seu processo evolutivo nas Ilhas Britânicas (o *Anglicized Norse*). Outros estudiosos, como Patricia Poussa (1982), defendem a ideia da crioulização, em outras palavras, uma mistura equilibrada entre *Old English* e *Old Norse*. Apesar da divergência entre as teorias, é inegável a contribuição da antiga língua escandinava para a formação da língua inglesa, e suas relações enquanto parte de uma mesma família linguística facilitaram a interação entre os diferentes povos que partilhavam um mesmo território.

Michael D. C. Drout (2006) afirma que a língua tende a se transformar quando ocorre interação entre povos que falam diferentes línguas, levando ao processo de empréstimos entre elas. Já Philip Durkin (2009

17 a. *Middle English* developed from *Old English* (a commonly accepted view). *Old English* underwent many fundamental grammatical changes, incorporated much *Norse* vocabulary (over two centuries), and became *Middle English*.

b. *Middle English* developed from *Norse* [...]. *Norse* underwent essentially no grammatical changes [...], incorporated somewhat more *Old English* vocabulary (over four centuries), and became *Middle English*. (EMONDS; FAARLUND, 2014, p. 44)

apud FRÍÐRIKSDÓTTIR, 2014) explica que esses empréstimos lexicais são determinados pela necessidade, quando algo é desconhecido para uma língua, mas possui um termo em outra língua com a qual está em contato, ou pela notoriedade, quando uma palavra corresponde a algo de grande status social ou de honra para os falantes.

Nessa perspectiva, o contato entre os povos anglo-saxões e os povos nórdicos deixou uma importante herança linguística, pois, como María Ángeles Ruiz Moneva (1997) afirma, ambos os povos tinham a necessidade de aprender uns com os outros:

[...] a quantidade e a qualidade dos empréstimos escandinavos que aparecem na língua inglesa mostram que um certo grau de bilinguismo deve ter existido e que a transferência de palavras do escandinavo para o inglês pode ter sido favorecida pelo fato de que os falantes escandinavos adotaram a antiga língua inglesa. Por outro lado, sendo os ingleses, na época, os povos submissos ou conquistados, eles podem ter se encontrado de alguma forma obrigados a aprender a língua. Outro fator é o intercâmbio comercial, o que teria demonstrado a conveniência de aprender a língua estrangeira. Algo que também teria favorecido o contato entre essas duas línguas seria o casamento entre pessoas dos diferentes povos. (MONEVA, p. 187, 1997) (tradução nossa)¹⁸

Otto Jespersen (1905) considera que uma primeira “prova” de empréstimos de palavras do *Old Norse* está presente em um poema escrito depois de 993, quando ocorreu a batalha de Maldon. Tal evidência é o verbo “call” (do *Old Norse* “kalla”) (JESPERSEN, 1905, p. 62). De acordo com esse aspecto, pode-se afirmar que as influências escandinavas sobre a língua inglesa começaram bem cedo. Além disso, Bryce Kaiser (2012) assinala que aspectos relacionados com leis e o militarismo foram primordiais durante esse novo período histórico na Inglaterra anglo-saxônica, que foi impactada e influenciada principalmente pela presença danesa e por isso “começou a adaptar partes da cultura *Viking*, incluindo leis e táticas militares” (p. 5) (tradução nossa)¹⁹.

18 [...] the amount and quality of Scandinavian loans appearing in English shows that a certain degree of bilingualism must have existed, and that the transference of words from Scandinavian into English may have been favoured by Scandinavians adopting English. On the other hand, being English the submitted or conquered people, they may have found themselves somehow compelled to learn the language. Another factor is commercial interchanges, which would have shown the convenience of learning the foreign language. Inter-marriage would also have favoured the contact between these two languages. (MONEVA, p. 187, 1997)

19 “it began to adapt pieces of the Viking culture, including laws and military tactics” (KAISER, p. 5, 2012).

Uma possível evidência pode ser encontrada em *Ormulum* (c. 1200). A palavra escandinava “awe” e em *Old English* “eye”. Nos primórdios do *Middle English*, a segunda forma era mais comum, mas mudou aproximadamente em 1300, quando a palavra em *Old Norse* começou a se tornar mais recorrente até substituir a outra: “as duas formas devem ter sido correntes no discurso do dia a dia do nordeste [da Inglaterra] por muitos séculos, até que finalmente a pronúncia *awe* prevaleceu” (BAUGH; CABLE, 2002, p. 91) (tradução nossa)²⁰. Os autores também afirmam que o mesmo aconteceu entre as palavras “ey”, em *Old English*, e “egg”, em *Old Norse* (p. 91). Além disso, citam-se alguns empréstimos do *Old Norse* identificados no *Old English*, que estão relacionados com a atividade naval e com o caráter guerreiro dos escandinavos, excepcionalmente dos *Vikings*:

[...] *barda* (beaked ship), *cnearr* (small warship), *scegb* (vessel), *liþ* (fleet), *scegbmann* (pirate), *dreng* (warrior), *hā* (oarlock) [...], *bātswegen* (boatman, source of *Modern English* boatswain), *hofding* (chief, ringleader), *orrest* (battle), *rān* (robbery, rapine), and *fylician* (to collect or marshal a force) [...]. (BAUGH; CABLE, 2002, p. 89)

Além disso, não se pode deixar de mencionar o fato de que muitos estudiosos da história da língua sugerem que o *Old Norse* contribuiu com muitas palavras relacionadas com violência, incluindo os verbos “to die”, “to ransack”, “to rive”, “to scare”, and “to thrust” como também os substantivos “slaughter” e “sab” (DROUT, 2006, p. 78). É notável que a presença de “graça e elegância são raras nos empréstimos escandinavos” (GEIPEL, 1971 *apud* FRÍÐRIKSDÓTTIR, 2014, p. 16) (tradução nossa)²¹. Estes empréstimos mostram não somente a hostilidade dos invasores nórdicos em relação ao povo anglo-saxão, mas também traços culturais dos diferentes povos. Os escandinavos eram bastante populares quanto à sua engenharia de navegação e habilidades militares e, conseqüentemente, os povos que foram dominados por eles não poderiam ignorar o vocabulário que representaria essas atividades.

Com a conquista e estabelecimento da *Danelaw*, muitas palavras relacionadas com a lei foram adicionadas ao vocabulário (a própria pala-

20 “The two forms must have been current in the everyday speech of the northeast for several centuries, until finally the pronunciation *awe* prevailed” (BAUGH; CABLE, 2002, p. 91)

21 “grace and elegance are rare in the Scandinavian borrowings” (GEIPEL, 1971 *apud* FRÍÐRIKSDÓTTIR, 2014, p. 16)

vra “law”) como “[...] māl (action at law), hold (freeholder), wapentake (an administrative district), hūsting (assembly), and riding (originally t-hriding, one of the former divisions of Yorkshire) [...]” (BAUGH; CABLE, 2002, p. 89-90). Entretanto, mais tarde, a Conquista Normanda também trouxe e impôs suas próprias terminologias relacionadas com leis, anulando muitas das antigas (escandinavas). O fato de que a palavra “law” sobreviveu mesmo com as invasões normandas demonstra o quão profundamente os costumes escandinavos entraram na cultura do *Old English*, precisando ser adotada até mesmo pelos Normandos.

5. *Contraste entre empréstimos Franceses/Latinos e Escandinavos*

De acordo com Emma Pardo (2009), a língua francesa tem uma influência mais ampla sobre o *Modern English* do que o *Old Norse*. É verdade que os povos escandinavos chegaram muito antes que os franceses e estabeleceram sua própria terra dentro do território britânico. Contudo, seus empréstimos são menores que os franceses. Emma Pardo ainda explica a diferença da difusão do *Old Norse* e da antiga língua francesa:

[...] As línguas escandinavas e o francês se infiltraram no inglês por diferentes classes sociais: as escandinavas ganharam acesso consistente pelas pessoas comuns através de colonizadores [...], enquanto o francês se tornou uma língua associada à alta sociedade (PARDO, 2009, p. 237) (tradução nossa)²²

Os assentamentos escandinavos não eram apenas para guerreiros, mas também para famílias de fazendeiros. Além disso, as pessoas comuns de ambos os lados matinham certo contato, emprestando palavras comuns, fazendo com que as mudanças linguísticas ocorressem no “dar e receber do dia a dia” (BAUGH; CABLE, 2002, p. 90) (tradução nossa)²³. Por outro lado, as invasões normandas alcançaram mais a “[...] realeza, cortesãos e a classe alta, que tinham certa autoridade para adotar itens lexicais franceses na configuração da língua inglesa” (PARDO, 2009, p.

22 [...] Scandinavian languages and French infiltrated English at different social stratum: Scandinavian more consistently gained access to ordinary people via settlers [...], whereas French became a language associated with the highest tiers of society. (PARDO, p. 237, 2009)

23 “[...] the give-and-take of everyday life”. (BAUGH & CABLE, 2002, p. 90)

237) (tradução nossa)²⁴. O novo governo dos franceses impôs sua língua, na Inglaterra, especialmente em campos aristocráticos e de leis. Contudo, assinala-se que isso não significa que todas as palavras escandinavas relacionadas com leis foram substituídas.

Em complemento, nem a região da Escandinávia nem a do *Danelaw* tinha uma cultura escrita consolidada (apenas a região britânica do Wessex que possuía), fazendo com que suas palavras se espalhassem através da oralidade, geração após geração: “mesmo hoje, a proporção de palavras originárias do *norse* é muito maior na linguagem coloquial do que na utilizada na escrita padronizada (língua culta)” (BURNLEY, 1992, p. 146 *apud* PARDO, 2008-2009, p. 238) (tradução nossa)²⁵. Por outro lado, a influência da língua francesa ganhou espaço na língua inglesa através de textos escritos, especialmente os políticos e religiosos.

Portanto, é visto que ambas as línguas tiveram grande impacto na língua inglesa, porém, de maneiras diferentes. Os empréstimos escandinavos penetraram no inglês depois da conquista dinamarquesa, através do uso popular da linguagem, oralmente, alcançando principalmente os plebeus. Enquanto os franceses, com a conquista normanda, fizeram-se presentes no uso erudito da língua, principalmente na forma escrita, e pelas classes mais altas. Para ilustrar essas distinções, Joseph Embley Emonds e Jan Terje Faarlund agruparam alguns exemplos de palavras usadas no dia a dia:

- A) bait, band, birth, bloom (not meaning flower as in German), brink, call, cow, crook (as in crooked), die, dike, dregs, egg, flat, flit, freckle, girth, hale (in good health), keel, kindle, link, low, nag, odd, race, ransack, root, sack, scant, scare, score, scrape, screech, sister, skirt, sky, snare, tattered, thrift, and whisk;
- B) add, approve, argue, arrange, ball, boil, bottle, button, chair (with a back), cider, cup, domain, equal, flower, fork, fry, garden, grand, ink, juice, lamp, letter, lettuce, marriage, master, mason, napkin, offer, orange, park, pea, peach, pear, plate, porch, promise, question, roast, scarf, servant, table, vase, and vest (EMONDS; FAARLUND, 2014, p. 50-51).

Em A) as palavras têm origem escandinava enquanto em B) estão

24 “[...] royalty, courtiers and the upper class, who had the authority to adopt such French lexical items in the English setting”. (PARDO, 2009, p. 237)

25 “Even today, the proportion of Norse words is much higher in dialect speech than in the standard written language”. (BURNLEY *apud* PARDO, 2008-2009, p. 238)

os empréstimos do francês. Ainda, Joseph Embley Emonds e Jan Terje Faarlund argumentam que, provavelmente, os falantes do *Middle English* começaram a utilizar as palavras escandinavas não porque eram termos culturalmente novos, mas por causa da herança linguística repassada dos pais escandinavos para seus filhos. Em contraste, as palavras francesas provinham de um meio nobre e culto, sendo que o antigo povo francês era em sua grande maioria “[...] melhor alimentado, com melhores moradias, roupas, sem alguma chance de viver na pobreza”. (EMONDS; FAARLUND, 2014, p. 51) (tradução nossa)²⁶

De modo geral, o que a pesquisa desses autores propõe é a ideia de que, embora o número de empréstimos escandinavos seja menor que os franceses, os escandinavos são mais representativos e mais frequentes no uso da língua. Philip Durkin (2014) listou os empréstimos que podem ser encontrados entre os 100 itens mais frequentes do *British National Corpus* (BCN)²⁷ e entre eles há sete termos de origem escandinava: *they, their, to get, to take, to give, like* e *to want*; dois franceses: *people* and *very*; e mais dois que podem ter sua origem ou do latim ou do francês: *just* e *to use*.

Como os dados acima mostram, os empréstimos escandinavos são menores em número do que os franceses. Contudo, os empréstimos escandinavos são itens mais utilizados, superando os latinos e franceses por causa de sua “simplicidade”. Em geral, “a palavra emprestada das línguas escandinavas não se limita, como nas línguas Latinas, a poucos campos semânticos”. (DROUT, 2006, p. 77) (tradução nossa)²⁸

6. Considerações finais

O propósito deste estudo foi, primeiramente, propor novos questionamentos e reflexões acerca da história da língua inglesa com o fim de

26 “[...] well fed, well housed, well clothed, and by no means poor”. (EMONDS; FAARLUND, 2014, p. 51)

27 O *British National Corpus* (BNC) é uma coleção de aproximadamente 100 milhões de palavras de amostras da língua falada e escrita provida de um amplo material de fontes, designada a representar o Inglês Britânico falado desde o século XX.

28 “word borrowing from Scandinavian languages is not limited, as was Latin, to a few semantic fields”. (DROUT, 2006, p. 77).

identificar e valorizar a influência que os antigos povos escandinavos deixaram para a língua inglesa, bem como para os seus falantes, que estão espalhados pelo mundo todo.

Ficou claro que a Era Viking deixou mais que uma herança sanguínea na história da Europa, pois assinala-se que esses povos não eram apenas selvagens, mas antigos povos que mantinham a arte da guerra, da engenharia naval e da navegação, o que os permitiu que viajassem para terras distantes com objetivo de comércio, saques e colonização. Nesse ponto, é memorável, por exemplo, que em 1014, Cnut, um homem dinamarquês, tornou-se rei da Inglaterra, Dinamarca e Noruega, sendo esse fato considerado o auge das invasões escandinavas.

O legado escandinavo é evidenciado pela cultura inglesa, principalmente, pela língua, que inclui também nomes de lugares, nomes próprios e sobrenomes. Claramente, é a conexão e a interação entre povos o meio mais significativo para que mudanças linguísticas ocorram constantemente. A história da Inglaterra mostra que escandinavos e anglosaxões mantiveram contato por muito tempo. Os pesquisadores e linguistas citados neste trabalho mostram que o relacionamento entre esses povos construiu uma importante herança linguística. Nesse sentido, é certo que muitos aspectos do léxico do *Modern English*, a fonética, a fonologia, a morfologia, a sintaxe e a semântica devem muito ao *Old Norse*. Tais empréstimos não foram impostos apenas politicamente pelos conquistadores nórdicos, mas também, e essencialmente, por meio da comunicação oral na convivência diária desses povos que compartilhavam territórios.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLAN, Tony. *Nações do mundo: Escandinávia*. Rio de Janeiro: Cidade cultural, 1987.

BAUGH, Albert C.; CABLE, Thomas. *A history of English language*. 5. ed. Londres: Routledge, 2002.

BORGES, Jorge Luís. *Curso de literatura inglesa*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

DROUT, Michael D. C. *A history of the English Language*. Course Guide. Recorded Books, LCC, 2006.

DURKIN, Philip. *Borrowed Words: A history of Loanwords in English*. Nova Iorque: Oxford University, 2014.

EMONDS, Joseph Embley; FAARLUND, Jan Terje. *English: the language of the vikings*. Olomouc modern languages monographs, vol. 3. Palacký University: Olomouc, 2014. Disponível em: <<http://anglistika.upol.cz/vikings2014/>>. Acesso em: 08-06-2016.

FRIÐRIKSDÓTTIR, Sandra Dögg. *Old Norse Influence in Modern English*. The effect of the Viking invasion. Monografia – Department of English, School of Humanities, University of Iceland, 2014. Disponível em: <<https://skemman.is/handle/1946/17234>>. Acesso em: 14-03-2016.

GEIPEL, John. *The Viking Legacy: The Scandinavian Influence on the English Language*. Newton Abbot: David and Charles, 1975.

JESPERSEN, Otto. *Growth and Structure of the English Language*. Leipzig: B.G. Teubner, 1905.

KAISER, Bryce. *The legacy of the Danes: A Look at the Impacts of Viking Conquest on England in the Late Ninth Century*. History Undergraduate Theses – Department of History, Carroll College, 2012. Disponível em: <<https://scholars.carroll.edu/handle/20.500.12647/2496>>. Acesso on: 15-11-2016.

KU, Ivan Chia Kuo. *Language contact in Viking Age England*. A sociolinguistic perspective. Tese – Programme in Nordic Viking and Medieval Culture, Department of Linguistics and Scandinavian Studies, Faculty of Humanities, University of Oslo, 2009. Disponível em: <<https://www.duo.uio.no/handle/10852/26692>>. Acesso em: 14-03-2016.

MONEVA, María Ángeles Ruiz. A relevance theory approach to the Scandinavian influence upon the Development of the English Language. *Revista Alicantina de Estudios Ingleses*. Universitat d'Alacant/ Universidad de Alicante, vol. 10, p. 183-191, 1997. Disponível em: <<http://rua.ua.es/dspace/handle/10045/6002>>. Acesso em: 14-03-2016.

MONTGOMERY, James E. Ibn Fadlan and the Rusiyyah. *Journal of Arabic and Islamic studies*. Edinburgh University Press, vol. 3, p. 1-25, 2000. Disponível em: <<http://www.lancaster.ac.uk/jais/volume/volume3.htm>>. Acesso em: 13-10-2016.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

PARDO, Emma. Compare and contrast influence on English of the Scandinavian Languages and French. *INERVATE – Leading Undergraduate Work in English Studies*. University of Nottingham, vol. 1, p. 236-243, 2008-2009. Disponível em:

<<https://www.nottingham.ac.uk/english/teachinglearning/innervate/innervate2008-09archive.aspx>>. Acesso em: 14-03-2016.

POUSSA, Patricia. The evolution of early standard English: the creolization hypothesis. *Studia Anglica Posnaniensia*. Poznan: Adam Mickiewicz University, vol. 14, p. 69-85, 1982. Disponível em: <http://ifa.amu.edu.pl/sap/studia_anglica_posnaniensia_14>. Acesso em: 17-10-2016.

TRIPS, Carola. *From OV to VO in Early Middle English*. Estugarda: John Benjamins, 2002.